

FALTA CONFIANÇA AOS INVESTIDORES

A credibilidade do governo, que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, tenta restabelecer, é prejudicada pelo desconfiança dos investidores em relação a capacidade do governo de pagar suas dívidas. O calote interno não é impossível porque, com juros tão altos, a dívida cresce assustadoramente. Com medo do calote, os estrangeiros continuam a mandar dólares para fora.

Malan afirma, porém, que "o espaço para redução de juros fica configurado. Não é imediato, mas não é uma trajetória explosiva da dívida pública no futuro."

Na hipótese de juros extremamente elevados ou crescentes, a dinâmica de crescimento da dívida pública pode se tornar perversa e, portanto, levar à dívida. Mas não devemos trabalhar com as hipóteses mais perversas porque o avanço na área fiscal, consistente, duradouro e coerente permite a redução dos juros ao longo do tempo", diz.

Malan deixa de lado a ciência econômica para exorcizar o espectro do confisco da poupança — o chamado fantasma do Collor. "Se a expressão fantasma do Collor significa confisco ou outras violências desta natureza, quero deixar claro que não há nenhuma razão para qualquer tipo de temor, porque nós não faremos tal coisa em hipótese alguma."

A histrionice de Itamar Franco ao dar o calote na União, negando-se a pagar parcelas da dívida de Minas — é minimizada pelo ministro. Só a centelha Itamar seria insuficiente para causar a explosão desses últimos dias. Ocorre que o gás já havia se distribuído pelos recintos da economia brasileira há algum tempo.

"A palavra moratória gera pânico e a idéia que pudesse ser adotada de forma generalizada pelos estados é um componente adicional. Mas seria uma óbvia e excessiva simplificação atribuir a uma pressão e a um estado o poder de alterar expectativas nessa magnitude", avalia Malan.